

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

O Guia e Manual do Cultivador é publicado com o fim de fomentar a instrucção da classe agricola. Ha poucos paizes na Europa, em que a instrucção agronomica se ache tão escassamente diffundida como no nosso. Nós podemos dizer como dizia antigamente Columella aos romanos: *Vós quereis ter mestres de pintura, de musica, de esgrima, e de dança; mas a primeira das artes, a mais util e moral de todas, a arte de cultivar os campos — essa não encontra entre vós, nem mestres, que a ensinem, nem discipulos, que a aprendão.* Nós temos Academias, e Conservatorios onde, á custa de grandes sacrificios, se ensinão todas aquellas artes; mas não temos uma escola experimental de agricultura. E' verdade que uma lei recente mandára crear entre nós estas escolas; mas esta lei inda não foi, nem será tão cedo executada! — Foi uma homenagem esteril rendida á classe, que no dizer do grande rei D. Diniz é o nervo do estado!

Na instrucção primaria e intermedia nem um unico preceito agricola se ensina. Temos importado dos estrangeiros quanto ha de proprio ou de improprio em legislação; mas n'este ponto inda não copiámos as sabias providencias ultimamente adoptadas por francezes, e alemães.

A agricultura está ha seculos abandonada a si mesma; e vive em Portugal (salvas algumas excepções felizes devidas a exforços individuaes) das antigas rotinas, e no meio dos prejuizos e da ignorancia. Não ha intermedio algum entre os processos da arte e os principios da sciencia; entre a rotina tenaz ou indolente, e os methodos racionais e philosophicos.

A publicação por tanto de livros elementares, que tornem por assim dizer populares as principaes doutrinas e preceitos agricolas, é um grande serviço feito ao paiz. A exposição destas verdades em linguagem simples e chaã, despida do luxo e das galas da sciencia, é uma condição indispensavel da vantagem e do proveito destes livros. As sciencias naturaes serão objecto de insaciavel e geral curiosidade, se a sua ter-

minologia difficil e enfadonha não afugentasse do seu estudo esse grande numero de pessoas, que querem encontrar a distracção e o prazer em tudo, até nos exforços penosos do espirito para adquirir uma solida instrucção.

E' preciso por tanto que as sciencias, e principalmente as da natureza, desçam algumas vezes da altura a que as eleva o genio; e venhão beneficas e complacentes viver no meio do povo nos campos, e nas cidades — para se popularisarem é preciso que se humanizem; e que, á imitação da providencia, de que são filhas, atraíam os que as evitam pela suavidade do prazer, e pelo encanto da verdade — é preciso, para serem entendidas, que fallem ao povo a linguagem clara do povo. Esta tarefa é mais difficil do que se presume, mas tambem é mais gloriosa do que geralmente se entende.

Estes são os motivos, que nos persuadiram á publicação deste pequeno livro. Assim nós poderíamos seguir, posto que de longe, os agronomos, que ultimamente se tem entregue em alguns dos paizes mais cultos da Europa a estes humildes mas uteis trabalhos! Assim a nossa pequena obra podesse revelar ao agricultor alguma verdade fecunda, occasionar alguma descoberta, ou instituir algum processo util! Se assim acontecesse, se esta classe tão injustamente desdenhada — creadora das mais solidas riquezas — se esta classe que revolve e cultiva os nossos campos, que abastece e nutre as nossas cidades, podesse encontrar aqui alguma instrucção proveitosa, nós teríamos por afortunadas as horas, que consumimos nesta nossa meza de trabalho!

Julho de 1848.

José Maria Grande.

João d'Andrade Corvo.

GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

A agricultura, ou a arte que nos ensina a cultivar a terra, deve fundar-se principalmente nos conselhos, e nas tradições da experiencia; mas não pôde nem deve regeitar os principios e as conclusões da sciencia, que umas vezes encaminham, e outras esclarecem, e corrigem os trabalhos e as praticas do lavrador.

Aquelle cultivador, que quizer extrahir das suas terras o maior proveito com a menor fadiga e despesa possiveis, deve respeitar em regra os usos e processos agricolas, que o tempo tem consagrado; mas não deve segui-los cega e invariavelmente. A agricultura é como todas as outras artes, que são sempre aperfeiçoadas pela acção do tempo, e da experiencia. E' mister que o agricultor nem seja um cego rotineiro, nem um innovador imprudente. O mal não está sómente em seguir irreflectidamente as praticas antigas, estaria tambem em abraçar sem exame, e sem discrição as modernas.

Tudo em agricultura precisa ser cuidadosamente reflectido, e examinado; porque se uma pratica viciosa de longo tempo adoptada pôde ir arruinando lentamente o lavrador, uma pratica nova egualmente viciosa, e imprudentemente admittida, pôde precipital-o de repente n'uma ruina inevitavel.

Regeitar um processo util, ou um instrumento agrario proveitoso, só porque é moderno, e porque não fôra usado nem conhecido de nossos antepassados, seria condemnar a agricultura a uma perpetua infancia, e barbaridade; e forçar os agricultores a um trabalho perpetuamente machinal, semelhante ao dos castores na edificação das suas casas, e ao das aranhas na urdidura das suas teas.

As praticas agricolas, que hoje se usam não são as que se usaram na remota antiguidade: o arado e a charrua de hoje não são os das sociedades primitivas: e então se os nossos maiores aperfeiçoaram os processos e os instrumentos agrarios servindo-se como homens da razão que aperfeiçoa, em vez do instinto automatico que imita, porque motivo não farão os homens de hoje ajudados do seu saber, e da sua experiencia o mesmo que fizeram os de outro tempo?

Ora os factos tem já mostrado que são de maximo proveito na cultura das terras varias innovações, que muitos dos nossos agricultores teimam em não adoptar; mas que outros vão adoptando com grande vantagem sua, e do paiz.

O espirito de exame e de observação é sobre modo necessario ao cultivador; mas para elle saber examinar e observar é mister que tenha adquirido uma certa instrucção; quando esta instrucção falta veem-se as cousas, mas não se apreciam; sentem-se os effeitos, mas desconhecem-se as causas. A pratica só se corrige e aperfeiçoa pela instrucção; a applicação só se amestra pela theoria. E' necessario que saibamos não só o modo porque as cousas se fazem, mas tambem a razão porque se fazem.

A consequencia a tirar de tudo isto é, que o lavrador, que quizer ser discreto e prudente na sua profissão, — isto é, o que quizer quasi sempre ser afortunado — deve soccorrer-se ás luzes daquellas sciencias, que maior e mais valioso auxilio prestarem á agricultura.

Estas sciencias são, como todos sabem, as sciencias

naturaes; e entre estas a *botanica*, ou a sciencia dos vegetaes, que se apresenta em primeiro lugar.

E' por isso que nós vamos previamente apresentar algumas idéas muito succintas e muito claras sobre a *organisação e a vida das plantas*. Estas idéas, que formarão a primeira parte desta pequena obra, servirão de introdução, ás outras quatro partes que devem constitui-la; a saber; *elementos de agricultura* (2.^a); *principios de economia rural* (3.^a); *principios de veterinaria* (4.^a); *preceitos e maximas do agricultor* (5.^a).

PARTE 1.^a

ORGANISAÇÃO E VIDA DAS PLANTAS.

INTRODUÇÃO.

1.^o A historia natural é a sciencia, que estuda a *structura* de todos os corpos, que se acham espalhados na superficie da terra, ou aggregados no seu interior.

2.^o Estes corpos são ou *mineraes*, ou *vegetaes*, ou *animaes*. — Os *mineraes* são corpos destituídos de órgãos e de vida, que crescem mas não se nutrem; como são as terras e os metaes. Chama-se *mineralogia* a sciencia, que estuda estes corpos. Os *vegetaes* são corpos dotados de órgãos, que se nutrem e reproduzem; mas não sentem, nem se movem voluntariamente; como são as arvores e as hervas. A sciencia que tracta destes corpos chama-se *botanica*. Os *animaes* são corpos dotados de órgãos, que se nutrem e reproduzem; que sentem e se movem voluntariamente; como são o homem, as aves, e os peixes. Dá-se o nome de *zoologia* á sciencia que estuda estes corpos.

3.^o Estas tres classes de seres, que formam os chamados tres reinos da natureza, o reino *mineral*, *vegetal*, e *animal* distinguem-se em que os *primeiros crescem mas não vivem, nem sentem* — os *segundos crescem e vivem, mas não sentem* — os *terceiros crescem, vivem, e sentem*: de modo que os segundos são absolutamente fallando, mais perfectos que os primeiros; e os terceiros mais do que os segundos.

4.^o E' dos vegetaes ou dos seres, que tem vida, mas não tem sentimento nem movimento, que nós vamos occupar-nos — mas para proceder com methodo, trataremos primeiramente da sua fabrica ou organisação, e depois das suas funcções ou da sua vida.

CAPITULO 1.^o

ORGANISAÇÃO DAS PLANTAS.

5.^o Todos os seres que vivem, isto é os seres animaes e vegetaes, tem órgãos e exercem funcções — as *funcções* são aquelles actos pelos quaes a vida se manifesta e se executa; assim a absorpção das raizes, a respiração das folhas, e a fecundação das flores são

outras tantas funcções ou actos vitales das plantas — os *orgãos* são partes dos seres vivos, que servem de instrumento ao exercicio das funcções: assim as raizes, as folhas, e as flores são os instrumentos da absorpção, da respiração, e da fecundação.

6.º Como os *orgãos* são uma condição essencial dos seres vivos, foram estes por esta razão chamados *organicos* ou *organizados*; e deu-se pela razão opposita o nome de *inorganicos* ou de *inorganizados* aos seres destituídos de vida, que nunca tem *orgãos*: de modo que os vegetaes e os animaes são seres *organizados*, e os mineraes *inorganizados*.

7.º Como a vida das plantas se compõem de duas grandes ordens de funcções, a *nutrição* e a *reprodução*, dividiram-se tambem os seus *orgãos* em duas grandes classes — *orgãos* nutritivos, e *orgãos* reproductores.

8.º Tanto uns como outros destes *orgãos* são formados de tecidos elementares, e então antes de descrevermos aquelles, convem que dêmos uma succinta idéa destes.

Orgãos elementares das plantas.

9.º Os *tecidos elementares* ou *geradores* dos *orgãos* das plantas unem-se e entrecem-se uns com outros para formar a sua contextura. Estes *tecidos* não se observam bem com a vista desarmada; mas por meio de uma lente um pouco forte, chegam-se a distinguir perfeitamente.

10.º Estes *tecidos* são de tres especies o *cellular*, o *fibroso*, e o *vascular*. O *primeiro* é um aggregado de pequenas vesiculas ou bolças de formas variadas, a que se dá o nome de *utriculos*. Os numerosos e pequeninos corpos que em forma de sacos se acham dentro da membrana, que reveste exteriormente os gomos da laranja são outros tantos *utriculos*. O *segundo* ou o *fibroso*, é um aggregado de tubos curtos terminados em ponta nas suas duas extremidades. As fibras que se destacam sem grande difficuldade da casca, ou do tronco de muitas arvores, ou aquellas que obtemos do linho depois de preparado, são um resultado da reunião dos tubos, que constituem o tecido fibroso. O *terceiro* ou o *vascular*, é uma reunião de tubos mais longos, ou vasos, mais ou menos semelhantes aos dos animaes, dispersos ou reunidos em feixes; e que muitas vezes se ramificam de modo que formam uma especie de rede — Os buraquinhos ou orificios redondos, que observamos n'uma lamina delgada proveniente do corte transversal do tronco de um pecegueiro, ou de uma acacia, são resultado dos vasos cortados do tronco destas plantas.

11.º Estas tres castas de *tecidos* podem observar-se muito bem nas folhas das plantas. Se nós collocarmos contra a luz uma folha da videira, por exemplo, notaremos um grande numero de linhas muito salientes, principalmente na face inferior da folha; estas linhas nascem todas da base ou pé da folha, e vão-se

successivamente ramificando, do modo que vem a formar por fim uma rede de raias brancas, cujas pequenas malhas apparecem cheias de um tecido de cor verde mais carregado do que o das mesmas linhas. Ora esta observação, que é muito facil de fazer, nos dará idéa dos *tecidos elementares* das plantas; por quanto as linhas, que ramificando-se formam o esqueleto da folha, são formadas pelos tubos e vasos, que constituem o tecido fibroso e vascular; e a substancia verde, que enche as malhas é formada pelas bolças ou vesiculas, que constituem o tecido *cellular*, a que tambem se dá o nome de *utricular*.

12.º A sciencia ensina que estas tres especies de *tecidos* geradores, a que tambem chamamos *elementos anatomicos*, não são mais do que modificações de um unico tecido — o tecido *cellular*. Este tecido é por isso considerado como o *orgão* elementar das plantas, e como a base da sua organização. E' a origem e o ponto de partida dos outros *tecidos*, e podemos dizer que elle é para a textura dos vegetaes o mesmo que a forma primitiva é para a textura dos mineraes.

13.º Vê-se pois que na sua origem os *orgãos* deviam começar por ser unicamente compostos de tecido *cellular* — e que os tubos e os vasos, que formam pela sua reunião o tecido fibroso e vascular, deviam ser originariamente *utriculos*, que se foram successivamente modificando, á proporção que a organização vegetal se foi desenvolvendo.

14.º A observação vem demonstrar esta verdade fazendo-nos vêr: 1.º que a folha e o fructo não apresentam no primeiro periodo do seu desenvolvimento senão *utriculos*; e que os tubos e os vasos só apparecem posteriormente, e são um resultado da transformação successiva dos mesmos *utriculos*: 2.º que as plantas mais simples não apresentam nem fibras nem vasos, mas tão sómente *utriculos* ou *cellulas*, donde lhes vem o nome de *cellulares*; dando-se o nome de *vasculares* ás que são simultaneamente compostas de vasos, tubos, e *cellulas*.

15.º A organização elementar das plantas é mais simples, geralmente fallando, do que a dos animaes; naquelles seres um só tecido gerador diversamente modificado constitue todos os *orgãos*; e nestes são necessarios varios *tecidos* geradores para os formarem. Além disto nos animaes existem tres classes diversas de funcções, as da *nutrição*, da *reprodução*, e da *relação*, donde resulta que devem ter tres grupos especiaes de *orgãos*; em quanto as plantas, tendo sómente funcções nutritivas e funcções reproductoras, devem constar apenas de dois grupos especiaes de *orgãos*, a saber, *orgãos* de *nutrição* e *orgãos* de *reprodução*.

Orgãos de nutrição.

16.º Os *orgãos* da *nutrição* ou da *vegetação* são aquelles a quem a natureza confiara o cuidado do desenvolvimento e da conservação do vegetal; ou o que é o mesmo, o cuidado da vida individual.

17.º Estes órgãos são a raiz, o caule, os gomos ou gemmas, as folhas, e além destes, outros menos importantes e geraes como são as estipulas, os espinhos, os aculeos, e as gavinhas. E na verdade a raiz enterrada na terra absorve uma parte das substancias nutritivas: o caule transmite estas substancias a todos os pontos da planta, ao passo que as folhas estendidas no ar não só absorvem como as raizes os fluidos nutritivos contidos na atmosphera, mas servem além disto de órgãos que preparam, ou elaboram estes mesmos fluidos. — Nós vamos definir e descrever muito brevemente cada um dos órgãos da nutrição.

Raiz.

18.º A raiz é essa parte inferior e descendente do vegetal, que se acha ordinariamente enterrada na terra; que cresce no sentido inverso do caule, e que serve de fixar a planta ao local do seu desenvolvimento, e de lhe absorver os succos nutritivos.

19.º Todas as plantas são munidas de raizes, á excepção de algumas — muito poucas — rudimentares, como as *tremelgas*, e *conservas*, que vivem ao cimo das aguas; e absorvem os succos nutritivos por todos os pontos da sua superficie.

20.º As raizes não se desenvolvem, antes perecem, quando submettidas á acção da luz: a escuridão, que existe no seio da terra, é uma condição necessaria ao seu desenvolvimento.

21.º As plantas aquaticas apresentam muitas vezes raizes *fluctuantes* no seio das aguas; estas raizes não servem por consequencia de fixal-as ao local do seu desenvolvimento, mas sim de lhes absorver as substancias alimentares.

22.º Existem tambem algumas plantas, que além das suas raizes ordinarias, apresentam outras, que nascem do caule ou dos seus ramos, e dalli se dirigem para a terra, para nella se cravarem: estas raizes tem o nome de *aereas* ou *adventicias*; e podem observar-se no *maiz* ou no milho grosso.

23.º Damos ainda o nome de *raizes accidentaes* áquellas, que se desenvolvem dos ramos do caule, quando os enterramos na terra: como se vê no processo da *mergulhia*, ou da *plantação de estaca*. As plantas de lenho duro e resinoso não são susceptíveis de produzir estas raizes, e por isso não podemos multiplical-as por qualquer daquelles dois processos.

24.º Podemos considerar *discriptivamente* tres partes na raiz; e são 1.ª o *corpo* ou parte central e media, que alguns botanicos consideram como o prolongamento subterraneo do caule, 2.ª o *collo* ou *nó vital*, 3.ª as *radiculas* ou *fibras radicaes*.

25.º O *corpo da raiz* não só é formado pelo eixo ou parte central deste órgão; mas tambem pelas suas ramificações; e todos sabem que as raizes se ramificam como os troncos.

26.º O *collo* é representado por uma linha circu-

lar, ás vezes por uma nodosidade, que separa o tronco da raiz: este órgão não é sempre evidente, e alguns botanicos modernos negam a sua existencia.

27.º As *radiculas* ou *fibras radicaes* são as ultimas ramificações das raizes, destinadas á absorpção das substancias nutritivas. Em rigor são estas *radiculas*, que merecem mais especialmente o nome de raiz.

28.º As raizes apresentam muitas modificações de estrutura, duração, fórma, consistencia, e direcção: e dizem-se *fibrosas* quando compostas de fibras simples e delgadas, como nas *palmeiras*; *tuberiformes*, ou em fórma de tuberas como na *dhalia*; *annuaes e vivazes* segundo duram um ou muitos annos, como no trigo e na luzerna; *fusiformes* ou em fórma de fu-zo como na *betaraba*; *carnosas* como no nabo; *perpendiculares* como no *carvalho*, &c.

29.º Geralmente o desenvolvimento das raizes está na razão do desenvolvimento do caule; e as arvores dos nossos climas, quando o terreno as não contraria, representam dois eixos cônicos unidos pela sua base, e terminados em ponta aguda; que se fôram successivamente ramificando um debaixo da influencia do ar e da luz, e o outro da da terra e da escuridão.

30.º Ora como o desenvolvimento da parte aerea, e ascendente da planta, ou do caule, está na razão do desenvolvimento da sua parte subterranea e descendente, ou da raiz; e como este é tanto maior quanto mais revolvida e substancial é a terra, segue-se que a plantação das arvores deve ser precedida de cavas profundas, e acompanhada de adubos proprios.

31.º Não é por toda a superficie da raiz que são absorvidas as substancias nutritivas — hoje sabe-se, e experiencias muito terminantes o provam, que é só pelas extremidades das radiculas, que estas substancias penetram para o interior dos vegetaes.

32.º Ha nas extremidades das radiculas, ou das fibras radicales, uns pequenos corpos a que se dá o nome de *spongiolos*, formados pela aggregação de um certo numero de cellulas. Estes spongiolos, assim chamados por se assimilarem na fórma, ou antes na função, a pequenas esponjas, são os órgãos encarregados da absorpção radicular.

33.º E' por tanto claro que quanto maior fôr o numero das radiculas, e por consequencia dos spongiolos, tanto maior será a força da absorpção radicular, que é uma das principaes fontes da alimentação das plantas.

34.º Mas está provado que as correntes de ar, e a presença da humidade em torno das raizes são duas condições muito favoraveis ao desenvolvimento dos spongiolos — donde a vantagem das lavouras que tornam a terra facilmente permeavel pelo ar, e das regas que a humedecem e subministram ás raizes o dissolvente unico, que serve de vehiculo ás substancias nutritivas absorvidas pelo aparelho radicular.

35.º Ainda que as raizes sejam em geral destinadas aos dois usos já indicados de fixar o vegetal, e

de lhe absorver as substancias nutritivas; ha todavia algumas, que parecem não encher senão o primeiro destes dois usos. E' o que se observa principalmente nas plantas gordas e succulentas, que absorvem por todos os pontos da superficie do seu caule as substancias proprias á sua nutrição. Os *cactos* estão neste caso; e esta é a razão, porque estas plantas, ainda que não sejam regadas, nem por isso deixam de prosperar. Tambem se nós examinamos as suas raizes, vemos-as tão lenhosas, e tão cobertas de um inducto terreo, que desde logo reconhecemos serem impróprias para exercerem o officio das superficies absorventes.

36.º E' um facto curioso, e por ventura inexplicavel, a tendencia natural das raizes para as veias de bom terreno. Acontece muitas vezes que estes órgãos se alongam consideravelmente fazendo ás vezes grandes rodeios a fim de se encaminharem para os logares, em que a terra é mais substancial, mais humida, ou mais movel. Se debaixo do solo ou da camada aravel se encontra uma camada de subsolo ingrata, veem-se logo as raizes perderem a sua tendencia natural de profundarem na terra, para se ramificarem superficialmente no terreno.

37.º As raizes de certas plantas lançam de si, ou exgregam no terreno, uma substancia particular diversa nas diversas especies. Estes excrementos das raizes são favoraveis á vegetação de certas plantas, e nocivos á de outras: este facto singular impugnado sem razão nestes ultimos tempos, ha-de servir-nos mais adiante para explicarmos o systema dos *afolhamentos*, que repousa em grande parte sobre este curioso phenomeno.

(Continúa.)

A NATUREZA.

O CÉU.

QUE faz o bronco pastor, encostado ao pincaro da serra com os olhos pregados na abobada celeste? Contempla a belleza infinita das estrellas, os seus movimentos eternos; e pergunta a si mesmo que mão omnipotente crivou a cupula de cristal, que cobre os campos, que o cercam e se perdem no horizonte, de diamantes que tanto brilham.

O que escuta o poeta attento e absorto, nessas noites em que

Ausente era Diana e seu modesto

Sereno brilho: mas, sem luz que as vexa

Com mais vivo fulgôr, se esparze doce

O alvo lume das candidas estrellas,

Que em tremulos reflexos pelas aguas

Do cristallino rio se espalhavam

D'onde consoladora se exhalava.

Como um sussurro de viçosas folhas,

A alma brisa da noute, refrescando
Os corpos então aridos das chammas
Com que o touro celeste em furia ardia?

Escuta a muzica divina das esferas; essa harmonia celeste, formada pelos sons que cada astro produz rolando na immensidade. Escuta a voz grave e magestosa de Uriel, o espirito que dirige o sol, e a voz sonora e melancolica de Saturno, o astro dos mysterios. — Essa muzica que os antigos admiravam, e cuja existencia os astrónomos modernos negam com razão, ainda os poetas a ouvem, e a procuram imitar nos seus cantos.

Que estuda nos astros aquelle homem grave e quasi sobrenatural, pousado no cimo de uma torre, e traçando n'um pergaminho linhas cabalísticas? Estuda os destinos do homem. E' um astrologo; domina-o uma velha illusão, que teve origem nos Caldêos, e foi tida como uma verdade por muitos seculos: julga que Deus escreve no céu, na primeira hora da vida, o destino de cada homem; o céu para elle é um livro, onde pensa ver escriptos os segredos do futuro.

Encostado á amurada da náu, que vae rompendo com a prôa veloz as ondas que espumam, saltando crespas como a juba do leão, o que busca lér na immensidade do espaço aquelle homem duro, com a face tostada pelo sol ardente da zona torrida? O caminho que ha-de seguir pelas solidões do mar, vê-o elle traçado pelas estrellas do céu; são ellas que o guiam, são ellas que lhe ensinam onde está o perigo, onde o espera o porto desejado.

Em que medita o sabio, contemplando a immensidade dos luzeiros celestes, perdido no silencio da noite? Calcula os movimentos dos astros, penetra os mysterios da sua natureza physica, como outr'ora

o Newton da Toscana,

Victima da ignorancia e fanatismo,

Titão sem crime, ia escalar o Olympo,

Olhava o curso das fulgentes massas,

Milhões de mundos que no espaço nadam,

Chegando-se, fugindo-se continuos,

Reciprocos se prestam luz e sombra.

O aspecto do céu é tão formoso, é tão sublime a sua grandeza, que todos sentem ao vê-lo o respeito, a fé coarem-lhe n'alma.

Quando fitamos os olhos no céu, vemos uma immensa abobada, transparente, e pura, de um azul bellissimo; ora alumida pela refulgente luz de um globo de fogo, que caminha magestoso de este para oeste, inundando os campos de vida, reflectindo-se nas alvas agulhas de neve que coroam as serras, ou transformando-se em palhetas de fogo nas crespas escamas dos rios. Caminha; e depois sóme-se entre os pincaros das serras, ou mergulha nas ondas avermelhadas do oceano, deixando a natureza saudosa; porque

As hervas, que os gados pascem
E as flores que os olhos veem
Mais poderes do sol teem;
Que não da terra onde nascem,
O grão que na varzea cresce
Com humidade arrebenta;
O sol cria, o chão sustenta,
Levanta-se, e reverdece.

Some-se o sol, e a abobada que corôa a terra, começa a crivar-se de pontos brilhantes, de diferentes grandezas, e cujo numero augmenta quando a noite se vae cerrando. A sua posição irregular, a continua *escintillação* dos seus raios luminosos, ainda faz parecer maior o seu numero do que na realidade o é: o numero de estrellas que se podem distinguir claramente á simples vista é apenas 3.000.

Estes corpos luminosos que assim esclarecem o céu durante a noite, seguem o mesmo caminho que foi traçado pelo sol; como elle apparecem sobre o horizonte de um lado, para se irem occultar do lado opposto. Ha alguns porém que nunca se occultam no nosso horizonte, que giram perpetuamente em roda de um ponto, onde brilha sempre um astro que parece immobil; este astro é a *estrella polar*.

Quando consideramos attentos esses pontos luminosos que povoam a noite, notamos que a maior parte delles conservam a mesma posição em relação uns aos outros, mas que outros andam errantes de um para outro ponto: os primeiros são as *estrellas fixas*, os outros são os *planetas*.

Uma differença immensa sepára as estrellas dos planetas; as primeiras são globos luminosos como o sol, suspensos no espaço a muitos milhões de leguas de nós; os outros são corpos sem luz propria como a terra, que giram *como ella* em roda do sol, e se acham a muito menor distancia. Os planetas formam com a terra um *systema* que gira eternamente em volta do sol: as estrellas são centros de outros *systemas*; em torno dellas giram planetas como a terra que habitamos.

Entre as estrellas e os planetas ha uma differença apparente, que se nota facilmente; as estrellas teem a *scintillação*, e os planetas não a teem, isto é, a luz das estrellas varia continuamente de intensidade e de cor, a dos planetas conserva-se a mesma sempre.

As estrellas são *fixas*, dissemos nós, os planetas movem-se *como a terra* em roda do sol; por isso estes variam continuamente de posição em relação aos outros astros, e aquellas permanecem nos mesmos pontos. A terra é de feito um planeta tambem; e, cousa admiravel! esses movimentos que vemos fazer aos luzeiros do céu, em cada dia, não são elles que os fazem, são apenas uma illusão: a terra é que gira em torno de uma linha, como um pião; e esta rotação, que nós acompanhamos, é a origem deste nosso engano.

Na natureza a immobildade é a morte; o movimento é perpetuo, tudo gira, tudo se agita, tudo se transforma. Herschell descobriu que as proprias estrellas, que os astrónomos denominaram fixas, tinham movimentos, lentos, quasi imperceptiveis, mas que effectivamente mudavam as suas relações.

Para conhecer as estrellas, para as contar, para estudar os seus segredos, os antigos aproveitaram-se da sua distribuição no céu por grupos, e desenhando com cada um desses grupos figuras de animaes, de entes fabulosos, de instrumentos, &c., deram-lhe o nome de constellações.

Quando se observa á simples vista a abobada celeste, n'uma noite serena e pura, podem apenas contar-se distinctamente pouco mais ou menos 3.000 estrellas, umas mais outras, menos brilhantes; esta differença de brilho fez com que se dividissem em categorias; as apparentemente maiores chamam-se *estrellas de primeira grandeza*, as immediatas de *segunda grandeza*, e assim por diante. Estas grandezas são apparentes resultam da scintillação, e da intensidade da luz que é tanto maior, quanto mais proximos se acham os corpos celestes: vistas atravez dos instrumentos astronomicos as estrellas não teem grandeza apreciavel, são um ponto luminoso. Por estas considerações, e por calculos irrecusaveis sabe-se que a estrella mais proxima está a mais de 5.000.000.000.000 de leguas de nós; de modo que a sua luz, que anda setenta mil leguas por segundo, — gasta seis annos para chegar á terra, e que uma balla de artilheria, caminhando sete leguas por minuto, empregaria dois milhões de annos para fazer a mesma viagem.

Ha no céu manchas esbranquiçadas que derramam uma luz frouxa entre as estrellas que as cercam. Vistas com um instrumento de força grande de amplificação, nota-se que estas manchas são formadas de miriadas de estrellas aglomeradas: a via láctea é assim constituida de *nebuloses* desta natureza; alguns pontos della são tão variados e ricos, que assustam a imaginação mais ousada. Umas *nebuloses* são compostas de mais de um grupo de estrellas; outras são cercadas de pontos luminosos que semelham satélites; outras tem a forma de um leque; outras em fim parecem receber a sua tenue luz de outras estrellas distantes.

O sol é uma estrella; pôsto á distancia em que se acham as mais proximas estrellas, apresentaria uma apparencia em tudo igual á dellas: assim cada um desses diamantes que ornão o céu é um sol, cercado de planetas, e caminhando com elles para algum ponto distante do espaço; como o sol caminha para um grupo de estrellas que constituem a *constellação* de Hercules, levando consigo a terra, e todos os planetas que com elle formam *systema*.

As estrellas não são eternas; tambem morrem, tambem se perdem e desaparecem para não voltarem mais. Nos cathálogos de estrellas, que os antigos nos

legaram, encontram-se muitas que teem variado de brilho, outras que teem desaparecido, em quanto novos pontos luminosos teem vindo esclarecer logares do céu, que antes se achavam desertos. Halley conta os factos mais importantes desta natureza do seguinte modo: « a primeira estrella nova de Cassiope (uma constellação) não foi apercebida por Cornelius Gemma em 8 de Novembro de 1572. Elle conta que o tempo estava sereno e o céu estrellado, e que com tudo a não viu; mas na noite seguinte appareceu com um esplendor que excedia o das estrellas fixas. Era quasi tão brilhante como Venus (planeta). Tycho-Brahé só a viu em 11 do mesmo mez; desde esta epoca diminuiu gradualmente, e desapareceu em março de 1574, depois de dezaseis mezes d'apparição: nunca mais se tornou a apresentar. O seu logar na esfera das estrellas fixas reconhecidas pelas observações de Tycho-Brahé era de $0^{\circ} 9' 17''$ de *ascensão recta* e $53^{\circ} 45'$ de *declinação* (*) boreal. Em 30 de Setembro de 1604 os discipulos de Kepler aperceberam outra estrella, que na vespóra se não tinha notado; mais tarde apresentou-se com uma luz que excedia a de Jupiter (planeta). Enfraqueceu como a primeira, e desapareceu como ella em Janeiro de 1605. Estava perto da *ecliptica* (linha marcada no espaço pelo movimento que a terra faz annualmente em volta do sol), proxima á perna direita do Serpentario (constellação). Segundo as observações de Kepler tinha $7^{\circ} 28' 0''$ de *ascensão recta*, e a *declinação* de $1^{\circ} 56'$. Estas duas estrellas parecem pertencer a uma especie particular; nunca mais se tornou a vêr outras semelhantes. Mas entre estas duas apparições, isto é, em 1596, David Fabricius observou outra na Baleia (constellação), que era tão brilhante como uma estrella da *terceira grandeza*. Reconheceu-se depois que ella experimentava mudanças periodicas na intensidade da sua luz. Não se mostra sempre com o mesmo brilho, mas não está nunca totalmente apagada, e pôde constantemente vêr-se com um telescópio. Era a unica da sua especie até á que foi descuberta no pescoço do Cisne. Tem uma *ascensão recta* de $1^{\circ} 40'$ com $15^{\circ} 57'$ de *declinação*. Uma nova estrella variavel foi descuberta em 1600 por Jansonius no peito do Cisne. Esta não excedia a terceira grandeza. No fim de alguns annos tornou-se tão pequena, que se pensou que tinha completamente desaparecido, mas mostrou-se de novo em 1657, 1658, e 1659; enfraqueceu-se pouco a pouco, e em breve era apenas de quinta e sexta grandeza. Estava a $9^{\circ} 18' 38''$ de *ascensão recta*, e $55^{\circ} 29'$ de *declinação* boreal. Em 15 de Julho de 1670, Hevelius descubriu uma que parecia de sexta gran-

deza, mas que se via apenas a olho nú no principio de Outubro. Em Abril seguinte tornou-se brilhante, e desapareceu totalmente no meiado de Agosto. Fez uma nova apparição em Março do anno seguinte, mas não appareceu senão da sexta grandeza. Depois não reapareceu mais. O seu logar era $9^{\circ} 3' 17''$ de *ascensão recta*, e $47^{\circ} 28'$ de *declinação* boreal. A sexta e ultima é a descuberta por Kirch, em 1686; o seu periodo é de 404 dias e meio, e ainda que raras vezes exceda a quinta grandeza, é muito regular nos seus reaparecimentos, como se viu em 1704. Mostrou-se de novo em 15 de Junho de 1715, uma das primeiras estrellas telescopicas; cresceu até Agosto, em que se tornou visivel a olho nú, e continuou assim até Setembro. Diminuiu então pouco a pouco, e em 8 de Dezembro era apenas visivel ao telescópio. O seu periodo é de quasi seis mezes, e o momento do seu maior brilho é proxicamente em 10 de Setembro. »

E' este um dos phenomenos singulares, que provam a grandeza da natureza, a sua infinita força, e as variedades sem numero de suas metamorphoses. Para o explicar teem-se fabricado conjecturas sobre conjecturas: Newton suppunha que um augmento de combustivel fazia variar o brilho das estrellas; este systema, que se funda na supposição de que um cometa, esse astro errante e temeroso que vaguea pelo espaço,

Cometa qual pensava

A rude antiguidade, annuncio torvo

Da ruina dos reis, quéda de imperios,

éa destinado a alimentar a combustão das estrellas, está em desharmonia com as leis simples que regulam os actos da natureza, e com o modo de combustão provavel dos corpos celestes, que não pode ser outra senão a devida aos agentes electricos: Mauper-tuis supõe as estrellas animadas de um movimento de rotação extraordinario, que fez com que ellas tomassem uma fôrma achatada como a da mó de moinho, de modo que ellas parecem ora brilhantes, ora quasi invisiveis, segundo nos apresentam a face ou o perfil: outros attribuem o desaparecimento periodico a nodoas que mancham a superficie das estrellas, ou em fim, a que estes corpos descrevem orbitas tão vastas que só podem ser viziveis quando se acham nos pontos mais proximos. O que parece mais provavel é que as estrellas nos são por vezes encubertas pelos proprios planetas que giram em torno dellas.

São estes os mysterios principaes que hoje se conhecem dessas esferas distantes, a que se chamam estrellas, que fazem ha tantos seculos a admiração da humanidade, e são objecto do seu estudo. Mas serão estes os segredos unicos que Deus escreveu no céu com essas letras de fogo? Não: o grande segredo, o segredo da creação, a verdade por excellencia é ainda desconhecida. O que o homem conhece são as

(*) Entende-se por *declinação* a distancia que vae do círculo que o astro descreve aparentemente no céu, ao *equadôr*, isto é, ao círculo que divide a esfera em duas partes eguaes, sendo equidistante dos pólos.

Ascensão recta é a distancia, contada no equadôr, que vae do círculo horario em que o astro se acha, a outro tomado como ponto de partida para a contagem.

apparencias, a causa intima das cousas ainda a não poudo penetrar.

Até hoje a astronomia tem sido considerada debaixo de tres pontos de vista que fecham em si todo o saber humano sobre este objecto. A astronomia de observação, que se limita a constatar os factos, sem buscar distinguir as verdades das illusões, é o primeiro modo de considerar o objecto. A astronomia physica, que tem por objecto o conhecimento dos movimentos *reaes* que os astros executam, e das leis que presidem a esses movimentos, é o segundo ponto de vista pelo qual se póde considerar a sciencia. A astronomia mathematica que partindo dalei das attracções dos corpos descuberta por Newton, procura explicar os movimentos dos astros, e prediz os phenomenos do céu, é o mais bello e difficil dos conhecimentos humanos. Resta porém fazer ainda um outro estudo sobre a materia, e vem a ser o calcular as influencias

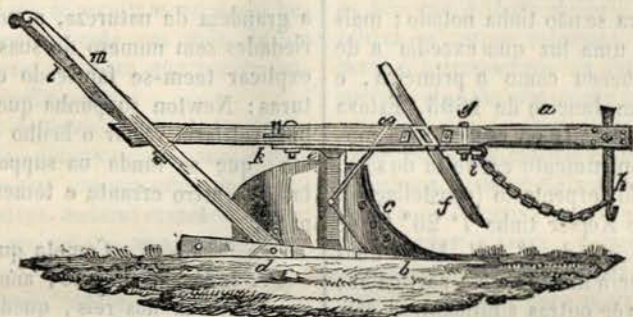
que as estrellas exercem sobre o globo que habitamos: esta influencia existe necessariamente, porque aquelles astros, apezar da sua immensa distancia, deramam na nossa athmosphera grande quantidade de luz, e uma porção sensivel de calôr; a falta destes dois agentes transtornaria a natureza da nossa athmosphera, a sua presença deve pois exercer influencia.

Penetrar porém a causa do modo de ser do universo é ao que a sciencia não attinge; só a fé nol-a explica.

Contentemo-nos pois de dizer como Philinto

Os globos das estrellas,
Vejo rodar por esse vacuo immenso.

Que novos soes, que mundos!
Que ordem! que justas leis entre si guardam!
Do creador, girando, o aceno cumprem.



ARADO DE DOMBASLE.

Um dos objectos que merecem mais attenção da parte dos agricultores é a escolha dos instrumentos de que convem que usem nos seus trabalhos do campo; porque a maior ou menor perfeição desses instrumentos tem uma immediata influencia sobre o resultado das operações em que estes se empregam, e consequentemente sobre a abundancia da colheita, e valor dos productos obtidos.

Entre os instrumentos da agricultura, nenhum é mais precioso do que a charrua: o modo porque a lavoura da terra é feita, a sua profundidade, a sua regularidade, a maior ou menor pulverisação das terras por ella produzida, são condicções que devem ser consideradas de primeira ordem, e que dependem muitas vezes dos instrumentos de que se usa.

Ha duas especies de charruas; as simples ou arados, e as de jogo dianteiro ou charruas propriamente ditas.

Entre os lavradores andou muito tempo a questão de saber a qual das duas especies se devia de dar a preferencia, hoje porém, em absoluto, a questão achase resolvida; as vantagens estão todas do lado da char-

rua simples. Se o uso desta especie de charrua não é geralmente adoptado, é porque para a empregar é indispensavel que o lavrador esteja a isso habituado e trabalhe com grande cuidado: a charrua composta não exige tanto estas condicções, porque o jogo dianteiro mantendo o timão n'uma direcção constante, e conservando a ponta da relha na sua posição natural, não obriga o lavrador a fazer esforço algum para obter estes resultados.

Em diffinitivo, um arado manejado por mãos habéis dá um trabalho muito regular, feito com velocidade, satisfazendo a todas as condicções exigidas pelas circumstancia da cultura a que o solo é destinado, e com grande economia de força; porque o jogo dianteiro não augmenta nem diminue a força necessaria para a tração, mas augmenta pelo seu pezo, e pelas fricções a que dá lugar, a resistencia da machina. E' verdade porém que, dirigido por mãos inexperientes, pode dar em resultado uma grande irregularidade de trabalho, e grandes difficuldades de applicação; é verdade tambem que o arado exige uma construcção muito mais perfeita do que a charrua, e é isto mesmo que tem difficultado a sua adopção em muitas localidades, não só entre nós, onde em geral os instru-

mentos são por extremo mal construídos, e onde os seus aperfeiçoamentos modernos são quasi desconhecidos, mas mesmo nos paizes onde a agricultura tem attingido maior gráu de perfeição.

Os instrumentos agricolas são de si susceptíveis de grandes aperfeiçoamentos, e nestes ultimos tempos tem soffrido profundas modificações; mas a ignorancia, a antipathia para as innovações, natural aos homens de campo, e sobre tudo a falta de estabelecimentos agricolas destinados a servir para a instrucção pratica, tem sido causa do nenhum proveito que em Portugal se tem tirado dos melhoramentos que os lavradores estrangeiros tem feito nas machinas que empregam.

E' quasi incrível porém a immensa vantagem que se póde colher da applicação de instrumentos apropriados, em circumstancias convenientes, feita por lavradores que comprehendam as condições de uma boa lavra.

Entre outros arados aperfeiçoados, ha um, cujo uso se tem vulgarisado mais na França, e que já começa a ser empregado entre nós por muitos particulares, que tem introduzido nas suas propriedades alguns dos processos da agricultura moderna; é o de Dombasle. Este arado é uma modificação do arado belga, e consta das seguintes partes:

a, Timão, ou trave de madeira horisontal.

b, Relha, ou ferro do arado, de forma triangular, que traça um sulco de 9 a 10 polegadas, e que penetra até á profundidade de 11 polegadas, quando se quer dar uma lavra profunda.

c, Aiveca, que é uma lamina de ferro coado, que se apoia anteriormente sobre a relha, e se recurva para o lado, para ir voltando a leiva, e pondo a descoberto a terra que dantes se achava soterrada.

d, Cepo, ou dente de ferro destinado a sustentar a relha, e que conserva uma posição parallelá ao timão.

e, Traveças, que sustentam a aiveca, e ligam o timão e o cepo.

f, Segá, ou cotella quasi vertical, cuja posição é um pouco posterior á da relha, fixada por um parafuso de pressão no lado esquerdo do timão, de modo que se lhe possa mudar a collocação.

g, Canal, ou cutileira de ferro coado onde escorre a sega.

h, Regulador, destinado a determinar a profundidade do sulco.

i, Gancho fixo ao timão, na extremidade de um chapão de ferro, que guarnece a parte inferior do mesmo timão. E' a este gancho que prende a cadeia de ferro do regulador.

l, As rabiças, das quaes uma, a da esquerda, se affasta da direcção do timão, e a outra, a da direita, fica no seu prolongamento. Estas duas rabiças são unidas por uma travessa em que ha um buraco, destinada a metter a aguilhada, ou o chicote do lavrador.

m, Annel, ou escapula, destinada a sustentar a charua na posição natural, quando se transporta ao campo n'um *trenó*. São estas as partes principaes deste interessante arado, cuja applicação tem dado em toda a parte os melhores resultados, e que seria para desejar se naturalisasse em Portugal.

Este arado tem soffrido varias modificações, e entre outras o addicionamento de um jogo dianteiro, porém com pouco proveito. (*)

(*) A estampa que damos é copia de uma publicada nos *Annales de Roville* no primeiro volume, e conserva desgraçadamente o mesmo defeito do original; que vem a ser a inversão na posição da aiveca, que na estampa vem collocada á esquerda, e que se põe sempre do lado direito.



LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A arte ingleza não é de certo a que melhores modelos tem dado, nem a que mais merece ser imitada. Nas suas manifestações mais elevadas, na representação de assumptos historicos, ella é pobre, porque tem vivido desajudada, sem apoio e sem fomento; mas no que respeita á pintura de retrato não tem succedido o mesmo, porque essa tem achado um forte patronato no ouro da aristocracia.

Este genero de pintura, manifestou-se em Inglaterra debaixo de um novo estylo, gracioso e variado, que tem um merecimento incontestavel: ornar o retrato com accessorios de imaginação, que lhe dão vida, e o animam, é o que muitos pintores tem feito com bom resultado.

A estampa que damos acima, é a copia de um modello do novo estillo, pintado por Mr. Middlelon. E' o retrato de uma dessas formosuras, que são como as

flores da melancolica Albion, e que só lhe dão vida e encantos; mas um retrato que parece viver, palpitar, respirar a alegria com o perfume dos campos. Sendo uma copia verdadeira da phisionomia humana, este quadro parece uma criação das mais puras que possa conceber a imaginação de um artista.

JOGOS E FESTAS ANTIGAS.

Fragmento de uma historia verdadeira.

I.

Nos chronicões velhos e pergaminhos, enterrados nas bibliothecas de Hispanha e nas nossas tambem, está a parte curiosa da historia da idade media na Pe-

ninsula. Quem quizer saber mais do que datas e nomes, não tem remedio senão resignar-se a soietrar em latim barbaro a ingenua narração dos escriptores monasticos, que não eram nem tão rusticos nem tão aridos, como decretou o orgulho da passada, e ainda da presente epoca.

Se a poesia podesse incarnar n'um cadaver, tinha alimento de mais nos in folios, honrados com o ambicioso titulo de *Historias Completas*. Mas a poesia é a vida, e por isso sacrilegio e delirio seria tentar abraça-la com a morte; e, aos olhos da sciencia e da philosophia, é morto do passado tudo o que se não anima pela alma, e pela crença dos homens e das instituições, dos costumes e das idéas que reinaram, e à sua hora, ou modificadas ou decaídas, passaram do throno á urna cineraria das civilizações findas.

Colher o espirito do passado, para o infundir nos quadros das grandes epocas historicas, é o segredo dos mestres que fundaram a nova religião litteraria, chamada *romantica* impropriamente; porque não é outra cousa mais do que a nossa *renascença*, a verdadeira resurreição da arte christã, filha das tradições nacionaes, que embalsamaram nos braços a sociedade moderna.

Nós, por mais que digam, fomos, e havemos ainda continuar a ser muito tempo, *portuguezes-castelhanos* pela nossa origem commum. E não deve doer ao orgulho patrio. E' o mesmo sangue, é a mesma alma em dois irmãos gêmeos, mal-havindos, e apartados cedo um do outro pelo ciúme da respectiva nacionalidade; mas no fim de tudo irmãos, e bons irmãos. Physicamente não é possível reunirem-se debaixo do mesmo tecto — ambos querem ser morgados — porém intellectualmente devem viver em uma só communhão, e orar em uma só igreja. A parte melhor — a mais feliz — da historia da familia leram-na pelos mesmos pergaminhos, nascidos da mesma mãe, adormecidos no mesmo berço, e criados com o leite das mesmas crenças.

O quadro que se segue é a prova do que se diz n'este artigo. A epoca corresponde em Portugal ao reinado de Affonso Henriques. Os usos e costumes, o viver e crer, que o lapis do chronista retrata com tanta fidelidade, era o mesmo em ambos os reinos. A physionomia social apparecia tão confundida, tão semelhante nos dois povos, como incertas, vagas, e mal distinctas as fronteiras que os separavam.

O sabio Berganza, nos documentos de que illustrou as suas famosas « *Antiguidades de Hispanha* », incluiu a chronica do imperador Affonso VII, conservada no archivo da cathedral de Toledo. Foi o livro d'onde se tirou este painel de costumes de tão preciosa raridade; a descripção do chronista é d'esses clarões historicos, que allumiam até o fundo o modo de ser de um periodo inteiro quanto ás relações sociaes. O leitor ajuizará por si.

Guerra e casamento ha sete seculos na Hispanha.

A vida de Affonso VII foi uma continuada lucta com os arabes bellicosos das fronteiras, ou com os principes christãos seus vizinhos — a guerra nacional e religiosa por um lado — a guerra civil pelo outro, fizeram da sua corte um verdadeiro acampamento militar. O monarcha castelhano, assim como o nosso Affonso Henriques, é das figuras historicas que, alongando os olhos ao passado, nos parece vêr ainda de pé sobre o sepulchro, com a acha d'armas no braço erguido.

Era um coração de leão; uma vontade indomavel — um esforço cego, tenaz, e incessante. De um encontro de mouros voar á refrega com Portugal; d'ali tender a bandeira real, e despedir o galope dos esquadrões frementes sobre o Aragão e a Catalunha; — dormir no leito de terra dura; descansar d'uma batalha nos braços d'outra batalha; nunca despir as armas, nunca fechar os olhos — eis em resumo a existencia dos soberanos, que no começo disputaram a palmas o solo da Peninsula á conquista estrangeira, e á ambição natural.

Depois de uma vida d'estas — quando o coração esfria, e os braços se cruzam no peito para se não abrirem mais, o somno da morte deve ser bem profundo e tranquillo!

Vejam os episodios do gigante duello, em que se consumiu inteira a trabalhosa carreira de Affonso VII.

« Acabadas outras guerras: o rei mandou dizer um dia aos condes de Castella: — enfraei os cavallos; amanhã partimos a pedir contas ao rei Garcia na sua boa cidade de Pamplona. »

« Dias depois os almogavares voavam na testa dos esquadrões de Castella, talando os campos, tomando os gados, e accendendo a fogueira do arraial com as cepas das vinhas. »

« Por toda a Castella soava o pregão da guerra — em Leão e nas Asturias o grito dos montanhezes suffocava o clamor dos exercitos, que desfilavam nos valles, de lança erguida e bandeiras soltas. Todo o poder do reino abalava para Pamplona. »

« E o rei Garcia no seu alcaçar sentiu apertar-se-lhe o coração no peito, porque bem via que de Najara até as suas portas, o inimigo não tinha mais do que dizer aos castellos; entregai-vos! — ás cidades; abri! »

« Ia em meio o mez de maio. De uma para outra hora D. Affonso podia chegar, e quem ha-de resistir? Nas planicies de Pamplona ouyia-se o choro do povo; descobria-se ao longe pelo fogo das ceas como descia rapida das alturas a cholera do castelhano. »

« E o circulo estreitava-se, estreitava-se!... quasi que já suffocava o calor do incendio na bella cidade. »

« Então D. Garcia não teve animo de vêr em ruinas os paços de seus paes e a terra do seu nascimento. Não chorava, mas no coração tinha uma dôr de

cortar a alma. Fechou-se n'um aposento com os do seu conselho: — Vem ahi, disse elle, os de Castella tão numerosos como as areias do mar. A paz com Portugal foi para nos destruir; se pelejamos, a terra perdeu-se por cerco ou por batalha. Que hei-de eu fazer?»

« Quem lho diria? fallavam todos, e ninguem acertava. »

« Neste meio tempo sobreveio o conde Affonso de Tolosa. Vestia esclavina de romeiro, e no chapéu trazia as conchas de Sanctiago; as barbas, que eram brancas de neve, davam-lhe pela cintura. O rei e os cavalleiros sentiram grande alegria, porque não tinha Castella melhor conselho que o seu, nem braço mais rijo na peleja. »

« E tiveram razão de se alegrar. O conde foi escutado — e dias depois estava concluida a paz entre o rei de Castella e o rei Garcia. »

« O rei de Castella tinha uma filha — a mais querida do seu amor. O conde Affonso fallou-lhe assim: — D. Garcia é moço e solteiro: dai-lhe, senhor, a infanta para casar — e o inimigo far-se-ha amigo. Assim se decidiu; e agora vereis as festas que se apregoaram em toda a Hispanha. »

« O noivado fez-se em Leão no mez de Julho. Veio o imperador; vieram os condes, os principes, e os duques, com os cavalleiros da sua casa e os homens da sua mercê; a todos se tinham mandado proprios a avisal-os que estivessem alli naquella dia, aquella hora, com armas luzidas e esquadões vistosos. Das Asturias, e de Castella chegaram á competencia: qual mais rico nos trajes, qual mais soberbo na comitiva. Plumas ondeando, pendões quarteados de côres; o sol scintilando no polido dos arnezes, nos labores de ouro e prata; os falcões no punho das damas; as matilhas pela trélla dos monteiros — trombetas, anafis, e dogainas — tudo isto se via e ouvia, e mal se podia contar, na côrte de Leão. »

« Chegou o imperador com a imperatriz Berengera sua mulher, cercado de condes e cavalleiros; do outro lado entrou D. Garcia, o noivo, vestido de preciosas galas, cavallos com redeas d'ouro, testeiras de prata, e pedraria nas armas, entre fidalgos e senhores — que nenhum tinha inveja na riqueza ao mais galhardo de Castella. »

« A infanta D. Sancha entrou em Leão pela porta de Toro, e com ella D. Urraca, a bella esposada de D. Garcia. Os cavalleiros e barões que a rodeavam, as damas e virgens que a acompanhavam, os clérigos e monges que a seguiam, eram tantos que não tinham conto. Levantou-se o thálamo nupcial nos paços reaes de S. Pelaio — em volta delle a infanta D. Sancha mandou collocar os côros de bailarins e mulheres, que teciam danças e cantavam hymnos ao som de orgãos, citharas, e psalterios. O imperador, entre tanto, com D. Garcia ao lado, tinha-se assentado em um throno levantado no terreiro que se alargava diante

do portal dos paços. Em redor, em escanhos baixos, assistiam aos festejos, segundo suas dignidades, os bispos, abbades, duques, e condes. »

« A um signal principiaram os jogos á antiga moda de Hispanha. Abriam-se pelo *bafordio* ou torneio das canas. Quadrilhas de cavalleiros terçavam na arena hastes delgadas, que na veloz corrida despediam uns contra os outros, colhendo no ar o golpe, ou evitando-o de um salto com pasmosa galhardia. Veio depois o tiro do tablado. O alvo estava posto no meio do circo, e ao uso patrio os justadores deviam acertar partindo a todo o galope. A destreza do cavalleiro e o meneio dos corseis distinguiram-se pelo maior numero de sortes felizes. Corrida esta scena, viram-se matilhas de cães açulados investir com os mais ferozes touros de Andaluzia — desafiando-lhe a ira, enraivecendo-lhe o sangue, e quando escarvavam o chão, atroando o campo de mugidos, e revolvendo os olhos afogueados nas orbitas raiadas de sangue, saírem-lhe os cavalleiros ao encontro a esperar o impeto, e a prostrar-os de um golpe de venabulo. »

Os populares também tinham o seu quinhão na alegria geral. Um tropel de cegos foi introduzido na praça; e apóz elles o ridiculo contendor que lhes estava destinado. — Era este o mais alentado porco dos montados de Castella. Os cegos, animados pela esperança de se banquetarem com a victima, premio prometido á destreza do mais venturoso, corriam de um para outro lado; este, apanhando a paulada do vizinho; aquelle afocinhando o chão, rola aos pés do terceiro; o quarto segue malhando sem descansar no rasto do pobre que tenta atracar pela cauda o inimigo, em quanto em rodeios e fugidas o porco ora se furtava a um, ora escapa ao malho furioso de outro. Os espectadores riam, batiam as palmas, e tripudiavam de prazer no meio dos brutescos episodios do entremez. »

« No dia seguinte os esposos foram abençoados, e despedidos com ricos presentes. »

Assim se festejava um noivado real no seculo XII. Quem não achará originalidade em divertimentos rudes e asperos como os homens e as instituições da epoca? Cegos atordoando-se ás pancadas! cavalleiros e villões misturados a applaudir o jogo das escondidas, de que é protagonista a escoria dos animaes — o porco! — O leito da noiva cercado de palhaços, bailarinos, e menestreis! dois reis em toda a pompa do seu estado presidindo á farça, e talvez descendo do throno a disputar um lanço ao tablado, ou a tirar uma sorte no *bafordio*! — que espectáculo novo e variado não offerecem, de que naturaes côres não retratam a vida daquelles seculos? — E' um quadro para desafiar a veia de um Walter Scott, proporcionando-se ás mais chistosas scenas. Quem visse o bello painel do torneio de Aubourg-la-Zuche, no Ivanhoe, dirá acaso que, tirada desta descripção do chronista, a scena ficaria menos pitoresca nos costumes, ou mais fraca nos caracteres e physionomias? Esta acção por si só collo-

ca-nos na verdadeira idade media, e desengana a muitos da differença que vai de contrafazer as epocas a estudar-lhe a indole, e desenhá-lhe os usos e existencia.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO V.

A mão direita, ou a esquerda?

(Continuado do n.º 5.)

A CAVALGADA de D. Maria Paes entrou n'um valle, apertado entre outeiros viçosos; os pampanos das vinhas penduravam-se sobre um regato, que fervia á sombra de grossos castanheiros. Atraz desdobrava-se a perder de vista a charneca lisa e árida; aqui e além rangia a copa esguia do pinheiro, erecto no meio das urzes e murtas bravas, como sentinella perdida na solidão. Adiante o sol, no occaso, dourava de pallidos reflexos as ameias negras, e a torre agigantada do paço acastellado de uma Honra. O sopro da aragem ciciava, brincando, nas largas pregas do pendão. Aquella fortaleza era o castro d'Avellans, doado por Sancho I a Gomes Lourenço, o alferes e amigo de seu filho, D. Affonso.

Chegando defronte, todos colheram as redeas por movimento simultaneo; D. Martim Paes levantou-se nos estribos, emirou em roda. Virando-se depois para um homem já de idade, coberto da loriga trancada de tiras de couro cru, perguntou:

— «Ermiguis, de quem é aquella torre?»

— «A Honra d'Avellans?...»

— «Sim! Não a deram a Gomes Lourenço?»

— «Dizem que deram.»

— «Que vos parece—acrescentou o cavalleiro, olhando para um monge de Cister que levava á esquerda—atrever-se-ha o de Riba-Douro?»

— «A raça do Espadeiro tem fama de não dobrar o joelho senão a Deus» respondeu o frade.

D. Martim sorriu-se ironicamente. Depois, voltando-se para sua irmã, continuou com apparente tranquillidade: — «D. Maria, é perigoso este passo. Voltae atraz; e Ermiguis com dois homens d'armas que vos acompanhe.

— «Não irei. Nunca dirão que uma dama de Lanhoso fugiu do pendão dos Viegas de Salzedas.»

— «Mas, minha irmã, o que havemos de fazer destas creanças, que não podem com uma lança, e com estes velhos, que já deram o que podiam dar?... Melhor é tornar ao castello de D. Nuno. Faz-se amanha a jornada.»

— «Que vergonha!—Quereis que o nosso nome

seja a fabula de Coimbra?—Hei-de ir para diante, só que eu vá.

— «E Deus connosco!» murmurou o monge.

— «Amen! reverendo nono, respondeu o cavalleiro. Adiante, vamos! Não quero que se gabem os de Salzedas de que Martim Paes da Ribeira, fugisse da sombra do mais moço dos Viegas. Não, por Santa Maria. Ainda que ali nos esperasse Egas Moniz, o velho!»

O frade perguntou com timidez: — «Porque dara ainda a guerra entre vós e elles?»

Antes de responder, D. Martim passou a mão pela testa com tristeza.

— «Pizastes a terra de Santa Maria, repousastes á sombra dos carvalhos do meu solar de Lanhoso, e perguntaes-mo ainda!»

— «Que odio tão velho!...»

— «Como o sangue que nos corre nas veias. Desde que houve solar em Riba Cavado, e torre na casa dos Viegas, abriu-se uma cova entre elles.»

— «E assim se perde a flôr dos bons cavalleiros! Se querem morrer, se teem pressa d'acabar, não está aberta ali a fronteira dos mouros?... porque não morrem pela fé?»

— «Primeiro limpae o sangue que ressuma das pedras dos nossos castellos, acudiu o cavalleiro com viveza. Tiraes-nos a memoria e o coração daqui...» E dizendo isto levava a mão ao peito e á cabeça com ar magoado.

Houve então uma pausa longa, durante a qual os dois caminhavam sem proferir palavra. D. Martim, passados instantes, ergueu a fronte, e com um suspiro exclamou:

— «Ai, padre! Muito sangue tem bebido aquella terra do Minho... e do melhor de Portugal.»

O monge não respondeu, nem levantou os olhos. O cavalleiro, pondo-lhe a mão no hombro, proseguiu:

— «Já ouvistes contar alguma vez a historia da torre velha de Santa Olaia? Não a sei.»

— «Tenho-a de cór toda, replicou o frade. E' uma historia que faz esfriar de horror.»

— «Dahi vem, dizem, a rixa com os de Riba Douro.»

— «E' odio que envelheceu com os seculos.»

— «E'! e diz-se que, na mesma taça se o misturassem, o sangue d'uns com o sangue d'outros não se unia. Vêde lá!»

Tornaram a calar-se; e ainda foi Martim Paes quem rompeu o silencio. Como se respondesse a um pensamento interior, e cruzando os braços, exclamou:

— «E ha-de se esquecer tudo... ha-de se perdoar isto!»

O frade olhou para elle pasmado. D. Martim percebeu que era uma interrogação silenciosa.

— «Tendes irmã?» perguntou de repente.

Um aceno de cabeça negativo foi a resposta.

— «Abençoe o céu. Nunca soubestes então que

amargura é não se atrever um cavalleiro a dizer alto o seu nome, sem divisar na bocca do mundo um sorriso que lhe enterra a infamia pelo coração, como um punhal.»

O monge fitava-o com espanto. Não entendia nem as palavras que ouvira, nem a tristeza com que foram ditas.

— «O solar de Lanhoso estaria deshonrado, santo monge, continuou o cavalleiro, se houvesse nelle um covarde. Mas Martim Paes, o descendente de reis godos, o neto do conde Oseiro, soube guardar a herança de seu pae, soube vingal-a!...»

E nos olhos pretos e rasgados do irmão de Maria Paes reluziu uma faísca de cholera. Tinha feições mais bellas do que de ordinario costumam ser as dos homens; mas faltava-lhe a expressão viril, que dá o valor seguro de si e confiado na sua força. Notava-se na sua physionomia o quer que era de carregado e inquieto. A vista do observador nada bom e generoso podia divisar nella; e momentos havia em que, rebentando n'um relampago a raiva do coração, illuminava as paixões más que lá dentro bramiam vingativas.

Fr. Munio, cedendo ao impeto natural, sem saber o que dizia, exclamou:

— «E se não soubesse, e se deixasse manchar da calumnia um nome nobre, sem cravar de pés e mãos o traidor, merecia que lhe chamassem covarde.»

— «Obrigado, reverendo nono, obrigado! bradou o seu companheiro. Mas não se dirá com verdade. Metade da divida está paga, e a outra... pouco ha de viver quem não a ajustar.»

— «*Mea culpa, mea culpa!*» murmurou, cahindo em si, o pobre frade. Prêguei o orgulho, eu que devia ensinar a humildade.»

— «Está paga! proseguiu arrebatadamente o cavalleiro. Uma filha do solar de Lanhoso, a mulher que chamaram minha irmã, atraçoando o sangue de pae e mãe, vendeu o nome e a honra ao inimigo da nossa raça... nem ella nem quem lh'o comprou se riem já! Deus lhe perdoe, porque morreu; e a mim, se ajustei de mais a conta. Não me restam remorsos. O que fiz, hoje, outra vez, tornava a...»

— «Ella morreu?»

— «Como havia de viver, padre, depois daquillo?... mas demais fallámos nestas cousas.»

Entretidos nesta conversação, tinham-se insensivelmente approximado do castro d'Avellans. O caminho, cavado entre cabeços, ia fechar a uma clareira, onde dois freixos altos e nodosos sobre a fonte mourisca chamada *d'aguas doces*, curvavam os ramos e teciam uma especie de toldo virente. Dalli partia a ladeira empinada, que se enroscava em voltas sinuosas até á porta do castello. O vulto massiço do alcaçar, esboçado no clarão duvidoso, avultava a distancia; e na aresta das ameias esmorecia cada vez mais o filete alaranjado do sol poente.

— «Eil-o, o pendão dos soberbos cavalleiros de Salzedas! bradou Martim Paes. Viegas de Salzedas, os teus parentes trazem um nome muito pezado para elles — não ha um que possa alevantar o montante do Espadeiro!»

E o rico-homem de Lanhoso sorria com desdem para a torre, no alto da qual o vento desdobrava a bandeira quarteada de vermelho e branco com o açor voando.

O monge não abriu a bocca.

— «Cedo virá o dia, proseguiu o cavalleiro, em que os homens não fallem daquella raça orgulhosa sem chorar de dó. Os mesmos inimigos hão de chegar a ter compaixão della. E o açor, — accrescentou rindo, — o açor sem garras irá esconder-se entre os penhascos nataes; então os filhos de Salzedas hão-de procurar pelo ninho paterno... e o mais pobre abençoará a sorte por se não chamar daquelle nome!...»

E voltando-se para o frade perguntou com voz rouca:

— «Como trataveis o homem que fizesse de vossa irmã uma cousa vil, e do nome de seu pae o escarneo do ultimo villão?»

— «Matava-o!» replicou o monge, fazendo-se branco.

Eu deixei-o viver, respondeu Martim Paes. — Mat-o! pedia-m'o de joelhos, elle!... Estes homens de Salzedas não teem medo de morrer, padre; a affronta, o desprezo é que os decepa.»

— «Que lhe fizestes vós então?»

— «Ceguei-lhe os olhos, e com um ferro em brasa escrevi-lhe na testa o que se põe no hombro do captivo fugidigo: *escravo de Lanhoso.*»

— «Jesus!» bradou o monge, trémulo.

— «Oh! aquelle não torna mais a ser homem! Matei o cavalleiro, e quiz que vivesse o serviçal pedindo esmola ao soalheiro da praça, encostado ao bordão de mendigo. Affonso o lidador, querido de Sancho I, pagou-me com mil mortes a affronta. — Que chaga para o orgulho da sua raça! Um rico-homem escravo de Lanhoso.»

La a responder o indignado monge, quando se avistou, descendo do cabeço fronteiro, um tropel de homens d'armas. Vinha adiante um cavalleiro com a viseira do capello levantada. Era Gomes Lourenço.

— «Homens de Lanhoso, aqui! bradou Martim Paes, que logo o conheceu. Ermiguis, a minha lança e o meu escudo. Maria, Fr. Munio, ficai neste sitio.»

E largando as redeas ao cavallo, foi encontrar-se com o alferes do rei. Gomes Lourenço viu-o vir, e estacou o ginete. Encostou ao coxote direito o cabo da lança de monte, e nem desceu a viseira.

— «D. Martim, disse elle com melancholia e dignidade, não venho fazer um rapto. Peço-vos vossa irmã D. Maria em casamento, e acabemos por uma vez estas rixas, que nos matam sem razão.»

Martim Paes olhou para elle com assombro; não

entendia aquella proposta, nem sabia a que attribuisse. Cuidou, por fim, que era o temor que a inspirava. Um sorriso ironico fugiu-lhe nos beiços, ao responder:

— «Se teu pai te ouvisse agora, Gomes Lourenço, amaldiçoava a hora em que te gerou.»

— «Talvez!» replicou tristemente o mancebo.

O cavalleiro de Lanhoso tornou-o a encarar. O ar magoado, e a hesitação do amigo de Affonso II, cada vez mais o persuadia de que eram devidos ao medo da sua vingança.

— «Por Deus! exclamou com uma risada estrondosa, isto parece um conto de fadas. É um de Salzedas, ou uma mulher que está diante de mim?»

— «Martim Paes, trago a espada na bainha, não m'a faças desembainhar» retrucou o mancebo com tranquillidade.

— «Santa Maria, é a humildade d'um anachoreta!... Reverendo cavalleiro, que vindes pedir com essa cara de penitencia?»

— «A paz, e a mão de tua irmã» respondeu elle sem se alterar.

Martim Paes desatou a rir.

— «Maria, minha irmã—gritou, virando-se para traz—mal sabes que fortuna nos espera. Aqui está uma pomba sem fel e tão namorada, que te pede em casamento!»

D. Maria sorriu contrafeita. Gomes Lourenço ia desmaiando visivelmente da cor escarlata da corrida.

— «Acabemos isto, e deixa-nos passar» disse o senhor de Lanhoso, em tom secco, ao seu contrario.

— «Dás-me a mão da tua irmã?» insistiu o moço alferes com firmeza.

— «Não, mil vezes não! E eu te digo porque. A raça d'onde descendes nunca teve covardes; e tu és covarde. Demais, quando o meu sangue se unir ao teu, has-de vêr o mar em Coimbra. Deixa-nos passar.»

— «Recusas?»

— «Mette-te frade, e larga a espada.»

— «D. Martim!»

— «Já que o queres, aqui tens a resposta.»

E, descalçando o guante ferrado, atirou-o ás faces do mancebo. O sangue espirrou na cota matizada de cores. Gomes Lourenço não disse nada. Vibrando a lança curta arremessou-a direita ao peito de D. Martim. Este viu o tiro, e esquivou-se. O venablo, silvando nos ares, passou-lhe uma linha distante do lado, e foi cravar-se até meio cabo no tronco do primeiro freixo.

— «A pé, fraco villão!» brador elle, saltando abaixo do cavallo. D. Martim fez o mesmo. Os homens d'armas de ambos encontraram-se tambem, mas os de Lanhoso pouco tempo disputaram o combate.

Continuava o duello dos dois cavalleiros. Em fim, de um golpe, Gomes Lourenço desarmou a D. Mar-

tim, ferindo-o no braço. A espada cahiu-lhe da mão, em quanto o ferro inimigo descia como o raio, e, faiscando no arnez, assentou o frio gume mesmo sobre o coração. O rico-homem de Lanhoso sentiu fugir a luz dos olhos, vergou, desfalleceu, e ajoelhando uniu as mãos. Foi um acto de fraqueza.

Gomes Lourenço sorriu-se. Abaixando a ponta da espada, disse socegradamente:

— «Agora estás á minha mercê; perdoo-te a vida. Pódes apanhar aquella espada, que é mais curta que a tua lingua.»

Era um desprezo frio; uma vingança nobre e generosa como a alma de quem a tomava.

D. Martim ia a levantar-se. O mancebo susteve-o, pouzando-lhe a mão no hombro:

— «Espera. Offerecia-te a paz, e tu escolheste a guerra. Vencido como estás, ainda te digo o mesmo.

Dá-me tua irmã, e fiquemos amigos.»

— «Pódes leval-a, mas eu dar-ta, nunca!»

— «Obrigado então; queria-a para mulher, e tu entregas-ma sem condições. D. Martim, o teu orgulho precisa de melhor lança que o sustente.»

O moço Gomes Lourenço cumprimentou então o cavalleiro inimigo com ar de escarneo, e partiu para o seu castello, levando D. Maria Paes no meio da cavalgada.

D. Martim ficou immovel por algum tempo. Depois, livido, com os olhos rixos de furia, quebrou a espada em duas, e, fechando o cabo no punho, gritou:

— «Lembra-te, Gomes Lourenço, de que fizeste um punhal desta espada!»

O alferes del-rei já o não ouvia.

POESIA.

FRAGMENTO DE UM POEMA INEDITO.

Punha-se o sol—e pouco e pouco eu via
Ir-se escondendo o disco seu nas ondas,
Nas ondas verde-azues do mar de Cintra.
Seu radiante esplendor se derramava
Em torrentes no extremo do occidente;
E sobre o vasto pégo se alongavão.
No fundo do horisonte, largas zonas
Com as côres do prisma matizadas—
Zonas que pouco a pouco esmorecião.

Como o eco da voz, que ao longe morre,
D'um dos reductos meio-derrocados
Do mourisco castello eu contemplava
A magestade da grandiosa scena,
Digna da mão, que a fez!—Este reducto
E' um pousó suave da minha alma.
Porque ha nelle um penedo, que respira

Que falla de saudades... que desperta
 Dentro do coração doces memorias! —
 E eu amo este penedo — amo o castello
 Que as glorias, que as desditas me recorda
 De um povo antigo, que campeou valente
 No occidente da Europa, onde luctára
 Por largos annos lucta de gigantes! —
 Mas onde alfin cansado o derribara
 A mão de Deus e o braço luzitano. —
 Eu amo este penedo, amo o castello
 Theatro da nascente lusa gloria! —
 Descobre-se d'aqui vasto horizonte
 De terra e mar — formoso panorama! —
 Em baixo aos pés da gigantesca serra
 Se vê a maga Cintra ora despida
 De seus verdores. Nas desertas ruas
 Ninguém passêa. No real alcáçar
 De elegante mesclada architectura
 Ninguém se vê, nem ouve; que anda ausente
 A Castellã do paço. — Mais ao largo
 Se divisam de Mafra as altas torres,
 As cupulas do templo; e do mosteiro,
 E do palacio os torreões de marmor. —
 Monumento famoso, que revella
 D'um rei piedoso o grave pensamento —
 E revella tambem dos nossos tempos
 O impio vandalismo, que desola,
 Sem nada procrear — que abate as erenças,
 As tradições, a fé, as leis dos povos;
 Que as memorias abjura do passado;
 Que desdenha as lições da douda historia,
 E n'um vago porvir afoga tudo! —
 Tempos de transição e de anciedade!
 Serão cumpridas as promessas vossas?
 Serão em suas bases refundidos
 Os systemas sociaes? — Este milagre
 Só podem prefazel-o Deus, e a sciencia! —
 Segunda redempção da especie humana
 Obra digna de Deus!... Que surja o dia
 De justiça ser feita aos filhos do homem! —
 E possa um brado universal erguer-se,
 Que evangelize inda outra vez o mundo...
 Que distribua o bem e o mal por todos...
 Que proclame os direitos sacrosanctos
 Dos que luctão co' a dôr e co' trabalho!
 Possa a ordem brotar da liberdade!
 E do cahos das velhas monarchias
 Surgir a luz, que deve illuminar-nos!
 A'quem desse primor da arte moderna,
 Entre o mar e o famoso monumento,
 Bastas aldêas nitidas se notão
 Flanqueadas de cercados, pobre herança
 De cansados colonos. — Ao occidente
 Se vê Collares a Pomona grato
 Cercado de vergeis deliciosos,
 De claras aguas, e de frescas sombras;
 Rico de saudosas perspectivas,

Que o amor e devancio casão n'alma!

Mais proximo de mim vejo as ruinas
 De *Monserate*... a dura mão do tempo
 Não foi quem destroçou mansão tão bella!
 No esqueleto vê-se do castello
 Que não cahiu de ancião!

Eu te saúdo,

Oh sempre *Verde Penha*! Estás sentada —
 No centro das montanhas, que te cercão —
 Co' a magestade de uma soberana
 De sua côrte em meio! Oh que saudosas
 São tuas matas! Como são copados
 Esses troncos antigos como o nome
 Do illustre plantador — ou como a gloria,
 A antiga gloria desta patria minha,
 Tão apoucada nestes tempos de hoje!

Além *Sítiaes*, além! — tão bello!
 Mas ermo, como o mar que está fronteiro! —
 Calmosa quadra vae chegar depressa,
 E virão cortejar-te, ameno campo,
 Essas corêas que hoje se commovem
 Da côrte nos salões harmoniosos;
 Onde o olhar que surri, a voz que affaga,
 O ademan que provoca, a mão que treme,
 São tudo decepções! — Doce ha-de ser-lhes
 Vir emballar nas tuas alamedas,
 Virente campo de *sítiaes* famoso,
 Seus cuidados, e suas esperanças...
 E ir depois na *Fonte dos amores*
 As auras respirar enamoradas,
 Sondar do coração os seios todos,
 Devanear fortunas suspiradas,
 E a vida colorir de roseos sonhos.

Ali a *Pena*, ali! — alto castello,
 Que foi mosteiro á Virgem consagrado!
 Mansão real nos ares suspendida...
 E como o ninho da aguia, que corôa
 Alcantiladas rochas! — Quanto é grato
 Nestes tempos sem lei ver abrigada,
 A' sombra do estandarte lusitano,
 Assim da cruz a insignia sacrosancta!

Mas vem cahindo a noite; e eu vou deixar-te
 Mirante da mourisca fortaleza —
 Fica-te em paz! E tu, Cintra querida,
 Recebe um doce adeus, que vou saudoso
 Abandonar teus cerros, teus outeiros,
 Teus vergeis, teus formosos horisontes;
 E os pomares, e as aguas, e as campinas,
 E os sitios por memorias consagrados,
 Que nos fazem viver lá no passado
 Vida mais grata, que a presente vida.

Cintra em Fevereiro de 1844.

J. M. GRANDE.